

DANDARA

por

Giovanni Ruggeri

FADE IN:

0 EXT - FLORESTA DE BAOBÁS - ÁFRICA - ALVORADA 0
O sol nasce no horizonte.
Na contraluz, uma CEGONHA sobrevoa os baobás.
Ela encontra com a revoada de cegonhas.

1 INT - TUMBEIRO 1
NA TELA: 1654
O som do mar, gritos, gemidos, choro de bebês, tosses,
correntes, madeira rangendo.
Fragmentos de um ambiente com pouca luz e o balanço do navio.
Homens e mulheres negros acorrentados e espremidos uns aos
outros, em meio à excrementos e sangue.

2 EXT - MERCADO NEGRO - DIA 2
NA TELA: Recife, Capitania Geral de Pernambuco
Um escravizado sai do navio. Ele anda com dificuldade devido
às correntes em seus pés e mãos.
Ali perto, AKULA, 20 anos, está acorrentada nos pulsos,
pescoço e pés a outros escravizados enfileirados lado a lado,
cobertos apenas por trapos na cintura.
AKULA
(gritando)
Muana! Ami muana!
Legendas: Filha! Minha filha!
Ela está desesperadamente tentando livrar-se das correntes.
Tropeça e fica de joelhos no chão.
AKULA (CONT'D)
Ami muana! Dandara!
Legendas: Minha filha! Dandara!
O vendedor de escravizados, um jovem branco usando chapéu,
bate com um CHICOTE no chão, ao lado dela.

FRANCISCO, um senhor branco, de barba, usando colete, aparece.

Está acompanhado da esposa, ELIZABETE, muito mais jovem que ele, trajando vestido.

FRANCISCO

Bom dia, meu caro. O que se passa por aqui?

VENDEDOR

Bom dia, senhor.

O vendedor toca no chapéu cumprimentando.

VENDEDOR (CONT'D)

Essa nega tá inquieta porque não vai levar a criança dela. Desculpe pelo incômodo, senhor, ela acabou de chegar e ainda não aprendeu bons modo. Mas isso são questão de dia pra ela aprender a se comportar.

Elizabeth observa Akula em prantos. Segura o braço do esposo.

ELIZABETE

(baixinho)

Meu bem, estou precisando de uma mucama para me abanar nestes tempos tão quentes, será que podes comprar ela junto da miúda?

FRANCISCO

Elizabeth, sabes que vim para comprar machos, já temos fêmeas suficientes para trabalhar na vivenda.

ELIZABETE

Mas meu bem... a última peça que compraste está fraca, creio que está prestes a adoecer, precisa ser substituída.

FRANCISCO

E a criança? O que queres que eu faça com uma criança? Sabes quanto tempo terei de alimentá-la até que possa trabalhar?!

Elizabeth acaricia as mãos dele.

ELIZABETE
Vamos, por favor.

MAIS TARDE

O vendedor recebe um saco de moedas de Francisco.

Francisco segura Akula pela mandíbula, vira seu rosto para os lados, analisando.

Abre a boca dela e mexe nos dentes.

Akula recebe DANDARA no colo e abraça-a fortemente.

MAIS TARDE

Os escravizados comprados por Francisco estão enfileirados de joelhos.

Correntes prendem-nos uns aos outros pelos tornozelos.

Perante eles há um PADRE.

Francisco e Elizabete assistem-no espirrar água benta nos negros.

O padre faz o sinal da cruz.

PADRE
Vos baptizo in nomine Patris, et
Filii, et Spiritus Sancti.

CORTA PARA:

Dois homens imobilizam Akula pelos braços, ela se debate para sair.

PADRE (OFF) (CONT'D)
Graças ao nosso Senhor, Jesus
Cristo, vós agora sois filhos de
Deus Pai Todo-Poderoso...

Um outro homem segura um FERRETE incandescente em cima de uma brasa, há uma cruz na ponta.

PADRE (OFF) (CONT'D)
...E pela Sua glória poderão ser
salvos da barbárie em que antes
vossas pobres almas se encontravam.

Ele leva o ferrete próximo ao peito de Akula.

CORTA PARA:

PADRE (CONT'D)

Pois o ócio é um convite para todos os tipos de vícios e pecados da carne. E o trabalho, vos dignificará e lhes trará a vida eterna. Amém?

FRANCISCO
Amém.

ELIZABETE
Amém.

Um coroinha entrega uma folha de papel a ele.

O padre aponta a cada escravizado.

PADRE

A partir de agora tu te chamarás Mateus de Francisco. Tu, Zacarias de Francisco.

Aponta para Akula com Dandara no colo.

PADRE (CONT'D)

Tu serás Maria e tua criança, Bárbara de Francisco.

3 EXT - ENGENHO SÃO SALVADOR - DIA 3

Uma CARRUAGEM leva Francisco e Elizabete.

Outros cavalos levam uma grande gaiola com os escravizados recém comprados.

Nos portões está escrito: ENGENHO SÃO SALVADOR.

4 INT - CELEIRO - DIA 4

Akula, com turbante e vestido de pano branco-encardido, está dando de mamar para Dandara, balançando-a no colo.

AKULA

(cantando)

UMBI-UMBI YANGE YELE LA TUENDE.
KAKELE KATCHIMBAMBA OSALA POSI.
MAKUENLE VAYELELA YELE LA TUENDE
KAKELE KATCHIMAMBA OSALA POSI.

Legendas: Umbi-umbi, voa, vamos embora. Coitada da katchimamba que não sai do chão. Os outros voam, voa tu também, vamos embora. Coitada da katchimamba que não sai do chão.

Akula acaricia o pequeno nariz de Dandara.

AKULA (CONT'D)

Umbi-umbi ilumuka bulu, ilumukina dikanga. Dandara we wanda lumukina bulu. Kizuwa kimoxi eye ni eme twandakala ni ufolo mu Angola Janga.

Legendas: Umbi-umbi é pássaro que voa alto, voa longe. Dandara também vai voar alto. Um dia você e eu vamos ser livres em Angola Janga.

5 EXT - CASA-GRANDE - DIA

5

DANDARA (8) acaricia o bico de um UIRAPURU preso em suas mãos.

AKULA (OFF)

(grita de longe)

Dandara! Volta já!

A menina abre as mãos e o pássaro voa.

Corre até a mãe.

AKULA (CONT'D)

(irritada)

Não falei, pa Dandara não i longe?
Se feitô pega Dandara, o que mama faz, ê?!

Ela dá um leve tapa na nuca da menina, que vai ligeiro para dentro da casa.

6 INT - CASA-GRANDE - SALA DE JANTAR - DIA

6

Dandara leva uma bandeja à mesa onde estão Francisco, de barba grisalha, Elizabete e suas quatro crianças brancas.

Há uma mucama abanando-os.

Entre os luxuosos móveis, um passarinho engaiolado.

Akula abre a bandeja e serve um peru assado no prato de cada um.

Francisco mastiga o pedaço.

FRANCISCO

Hm... está delicioso, Maria!

Ela força um sorriso e abaixa a cabeça em agradecimento, nunca olhando nos olhos dos seus senhores.

Elizabeth olha para o marido e para Akula enquanto toma um gole de suco.

ELIZABETE

Psss! Cruzes! Onde está o açúcar desta porcaria?! Bárbara, traga-me o açucareiro.

Dandara rapidamente traz o açucareiro da cozinha.

Sempre cabisbaixa, começa a servi-la, mas Elizabeth dispensa-a com um gesto.

Põe uma colher, outra, mais outra. Francisco segura a mão dela.

FRANCISCO

Elizabeth, queres acabar com o açúcar do engenho?!

Francisco ri sozinho. As crianças comem sérias.

Elizabeth encara-o irritada. Eles terminam de almoçar em silêncio.

Francisco bebe vinho em uma taça, tranquilamente.

Quando terminam, Akula recolhe os pratos e a taça de Francisco.

Ele segura a mão dela e sorri.

FRANCISCO (CONT'D)

Podes deixar, Maria. Ainda beberei um pouco mais.

Elizabeth levanta-se bruscamente da cadeira, fazendo barulho.

ELIZABETE

(irritada)
Com vossa licença.

Retira-se.

Akula serve o vinho e Francisco olha para os seios dela.

7

INT - CASA DE MOENDA - DIA

7

Dandara carrega um grande recipiente de caldo de cana nos braços, que estão tremendo devido ao peso.

Há muitos escravizados, uns carregam as pesadas sacas de cana, outros cortam, dois colocam-nas em uma moenda movida por bois.

Há dois feitores, jovens e pardos. Um deles está ao lado dos que moem a cana, segurando um facão.

O outro é ANTÔNIO, que segura um BACALHAU, chicote com lâminas nas pontas.

Dandara deixa o recipiente CAIR no chão e quebrar.

Ela fica alguns segundos paralisada, olha para o chão e para Antônio.

Com as mãos tremendo, ela agacha-se e tenta recolher os pedaços.

Antônio CHUTA a menina que cai no chão. Puxa-a pelos cabelos arrastando para fora da casa de moenda.

DANDARA
(gritando)
Ô, siô 'Ntônho, perdoa eu, perdoa eu!

8 EXT - PELOURINHO - DIA

8

Antônio amarra os pulsos de Dandara em uma argola de metal no pelourinho. Rasga a blusa dela. Nas costas nuas há cicatrizes de chicotadas anteriores.

DANDARA
(chorando)
Seu 'Ntônho, pu favô, seu 'Ntônho!

Ele estica o braço com o chicote, medindo a distância.

Observa o chicote, acaricia-o.

DANDARA (CONT'D)
Não foi querendo, não! Perdoa, pu favô!

Ele levanta o braço lentamente, preparando-se para chicotear e-

PÁ! Um tiro.

Ele abaixa o braço instantaneamente. Tira uma pistola da bainha na cintura e mira ao seu redor.

Aponta para Dandara.

ANTÔNIO

Olha só... Vosmicê, moleca, não
saia daí!

Ele dá uma risadinha. Caminha para longe.

Mais tiros e gritos distantes.

Dandara olha para os lados, não há ninguém por perto.

Ela balança seus pulsos amarrados na argola de metal.

Com os pés tenta escalar o tronco do pelourinho, mas
escorrega.

Tenta outra vez e consegue subir alguns centímetros, o
suficiente para morder a corda.

AKULA

Dandara!

Akula vai correndo na direção dela. Desamarra-a do
pelourinho.

Akula se agacha e abraça ela.

AKULA (CONT'D)

'Nhô 'Ntônho machucô ame muana?

Dandara balança a cabeça para os lados.

Acaricia o rosto da criança.

AKULA (CONT'D)

(sussurrando)

Muzungu 'tão bigando ente si,
Dandara. É hora de fugi! Nós tem
que corrê muito. Tá, umbi-umbi?

Dandara balança a cabeça concordando.

Elas dão as mãos e correm.

9

EXT - CAMPO ABERTO - ENGENHO SÃO SALVADOR - DIA

9

Negros e negras correm de um lado a outro.

Batem os sinos da capela.

Ao longe, chegam SOLDADOS HOLANDESES com mosquetes atirando
nos feitores, abatendo alguns.

Um soldado encurrala um homem negro, apontando a arma. O negro dá um golpe nele, rouba sua arma e corre.

Escravizados fogem por toda parte: da casa de moenda, da casa-grande, da casa de purgar, da casa das fornalhas.

Akula e Dandara correm em direção à plantação de cana-de-açúcar.

10 EXT - CANAVIAL - DIA 10

Elas correm de mãos dadas entre a plantação de cana.

Os sons da batalha ficam mais distantes.

11 EXT - FLORESTA - DIA 11

NA TELA: Serra da Barriga

Pássaros voam das copas das árvores.

Elas continuam correndo até que Dandara para, ofegante.

AKULA

Muzungu tá longe, nós tamo segura aqui, já.

Akula para um instante.

Ela abre um sorriso.

AKULA (CONT'D)

Nós é live agora, Dandara! Nós é live, umbi-umbi!

Akula pega Dandara no colo e gira com ela no ar.

Para de girar, Dandara não está empolgada.

AKULA (CONT'D)

Ame muana num 'tendeu? Nós é live agora!

DANDARA

Mas o que fazemo agora, mama Akula? Onde vai dormi, o que vai comê?

AKULA

Ame muana, qualquer coisa! Não tem mais de tabaiá, não tem mais de apanhá, pode i pa onde qué!

Akula se agacha.

AKULA (CONT'D)

Sabe, muana, tem uma terra onde
nego é live, é onde os fugido vão.
Lá cada um panta e cada um coli. Os
muzungu chama de Palmares. Nós
chama de NGOLA JANGA. Poquê é
com'um pedacin' da terra do ngola.
É como um pedacin' da terra de
mama!

Dandara abre um sorriso.

Akula faz cosquinhas nela e sopra sua barriga.

12 EXT - RIACHO - DIA SEGUINTE 12

Akula ensina a filha a pescar com uma lança feita de um galho
lascado na ponta.

As duas seguram a lança e a mãe conduz o braço dela.

Dandara alegre-se com o peixe que pegou.

MAIS TARDE

Akula lava as roupas enquanto a filha brinca com a água.

Ela vê conchas de BÚZIOS às margens do riacho.

Olha para Dandara.

Discretamente, pega alguns búzios.

13 EXT - FLORESTA - NOITE 13

É lua nova e o céu está limpo de nuvens, vê-se muitas
estrelas.

Akula, sentada em um tronco, faz tranças nagô no cabelo de
Dandara.

Apenas escutam-se os sons floresta: corujas, grilos e outros
insetos e animais.

DANDARA

Mama Akula, eu qué perguntá 'ma
coisa pa suncê.

AKULA

Diz, muana.

DANDARA
O siô Fancisco... ele...

Akula sorri.

AKULA
Não. Né, não. Dandara né fia dele
não. Dandara é fia de muit'amô. Amô
que vei de longe. Amô que curuzou o
má.

Akula para de trançar o cabelo da menina, olha para as
estrelas.

AKULA (CONT'D)
Tata de Dandara era baravo
guerreiro... era sim. Nós vivia de
paz no Ndongo. Como a vida era boa.
Me' umbi-umbi quedita que nós tinha
rainha muié? Nzinga Mbandi lutou
lado a lado com os baravo jaga. Mas
depois que muzungu chegou as coisa
mudou. Levaro muié, moleque, véio.
Tata de Dandara lutô fote. Mas eles
tinha arma de cuspí fogo. Levaro
todo mundo. Mama veio com tata pelo
má. Ele viu Dandara nacê... Viu
sim. Foi noite de muita vula. Tia
raio e tudo, tumbero fazia assim,
ó:

Akula balança o braço reproduzindo o balanço do navio e o som
do mar com a boca.

Ela aponta para o alto. Dandara acompanha com o olhar.

AKULA (CONT'D)
Lá do alto de tumbero eu viu alumiá
azul. Era siná de Nzambi que
Dandara ia sê poderosa.

Ela sorri admirando Dandara.

DANDARA
Mama...
(pausa)
Tata morreu?

O sorriso de Akula perde energia. O olhar volta a se
distanciar.

AKULA
Sabe, muana, si vê bem, n'existe
mote, não.
(MORE)

AKULA (CONT'D)

Depoi que nzumbi sai de copo,
nzumbi fica live. Volta pas terra
onde copo naceu. Agora memo tata
nos potege, também vó e o vô de
Dandara. Todos bakulo. Não morre,
tão aqui.

Akula aponta para o próprio peito e para o de Dandara.

O sorriso dela volta a ter vigor. Ela se levanta.

Akula pega o COLAR DE BÚZIOS que fez para ela.

AKULA (CONT'D)

Falando de terra de mama, 'saqui é
nzimbu. No Ndongo, nzimbu vale oro.
É siná de podê.

Akula põe o colar no pescoço de Dandara e fica folgado.

A menina sorri e abraça a mãe.

14

EXT - FLORESTA - MANHÃ

14

A floresta amanhece com bastante neblina. Dandara e Akula
caminham de mãos dadas.

Começam RUGIDOS tenebrosos vindo de várias direções.

Dandara se agarra à cintura da mãe.

Akula aponta para um MACACO BUGIO na copa de uma árvore.

AKULA

Tá vendo, muana? O hima que faz
isso. Não fa mal pa ninguém.

Elas continuam caminhando.

Aproximam-se de um rio.

AKULA (CONT'D)

Consegue ouvi rio, umbi-umbi? Tamo
peto. Pa chegá Ngola Janga só segui
baruio de rio.

Os bugios silenciam de repente.

Elas param de caminhar ao ouvirem um ROSNADO.

A neblina se dissipa e vêem um cachorro mostrando os dentes.

Atrás dele, um homem NEGRO segura uma PISTOLA, chapéu na cabeça, botas e cinturão com balas.

AKULA (CONT'D)

Ê, Ngana. O siô deu suto! Pensou que era capitão-do-mato.

CAPITÃO-DO-MATO

(rindo)

E vosmicês pensaram que eu era um de vós?

Ele aponta a arma para elas.

CAPITÃO-DO-MATO (CONT'D)

Só tem um jeito de homem preto subir de vida... caçando outro preto!

(risos)

No Terço dos Henriques nós pega mais preto do mato que muito branco por aí.

(sério)

Se vosmicês colaborar, ninguém se machuca, mas se tentar qualquer gracinha leva bala!

AKULA

Será se vo'sioria teria bondade de deixá mia fia í?

Ele sorri e baixa a arma lentamente.

DANDARA

(baixinho)

Mama, não! Eu não vai sem mama, não.

AKULA

Vai sim, ame muana. Vai segui vida, mama é gande, sabe se virá.

O homem continua sorrindo.

CAPITÃO-DO-MATO

Pois sim. Vosmicê venha pra cá com tranquilidade que deixo a moleca ir.

AKULA

Deus abençoa, siô.

Ela se volta para Dandara.

AKULA (CONT'D)
 Me' umbi-umbi, deixa rio guiá que
 umbi-umbi chega, tá?

DANDARA
 (choraminga)
 Mama, não! Eu num po' deixá mama!

Akula solta sua mão e anda lentamente até o capitão-do-mato.

AKULA
 Vai, umbi-umbi, vai.

Ele amarra as mãos de Akula.

Quando as mãos estão amarradas, ele ri.

CAPITÃO-DO-MATO
 E pensou que eu ia deixar de ganhar
 em dobro?!

Ele aponta a arma para Dandara.

O cachorro rosna.

CAPITÃO-DO-MATO (CONT'D)
 Agora é a vez da senhorita.

Dandara e Akula trocam olhares.

Com o braço amarrado, Akula dá um CHUTE no homem, que cai no chão, e corre na direção da filha. O cão vai atrás delas.

Elas passam por entre um bosque estreito desviando de galhos, espinhos e cipós.

O cachorro alcança Akula e MORDE sua perna.

Ela cai e chuta-o algumas vezes enquanto ele arrasta-a.

Dandara pega uma pedra e bate na cabeça do cão que solta um som agudo e cai.

Dandara solta a pedra e observa aterrorizada o sangue nas mãos tremendo.

Akula está com a perna sangrando e uma grande ferida aberta.

O homem aproxima-se correndo logo atrás.

Dandara tenta carregar a mãe, mas não aguenta o peso.

AKULA
(gemendo)
Dandara... não... corre, Dandara.

Dandara esforça-se mais.

Akula empurra-a.

AKULA (CONT'D)
Dandara, vai! Mama vai ficá bem.

Com lágrima nos olhos Dandara corre.

A alguns metros para e olha para trás.

O capitão-do-mato tenta segurar Akula que se debate contra ele.

Akula puxa-o e ambos rolam pela terra.

Consegue tomar a arma do homem e eles disputam por ela.

PÁ! O homem atira em Akula.

DANDARA
(grita)
MAMA!

Abafa o grito com as mãos e corre.

15 EXT - FLORESTA - DIA

15

Dandara para de correr, ofegante.

Ela se encosta em uma gameleira-branca.

Chora enquanto o corpo escorrega pelo tronco até as raízes.

Bate no próprio rosto várias vezes.

MAIS TARDE

Dandara caminha na margem do rio.

Ela aperta o colar de búzios.

16 EXT - FLORESTA - NOITE

16

Dandara dorme nos galhos de uma árvore.

Uma JARARACA se move entre os galhos.

Encontra com o tornozelo de Dandara dá uma PICADA.
 Dandara acorda gritando e cai de cima da árvore.
 A cobra foge.
 Dandara tenta andar mancando.
 Corre e tropeça. Tenta se alevantar, mas não tem forças.
 Sua vista fica turva.
 Até escurecer completamente.

17

INT - OXILE EWE - MOCAMBO MACACO - DIA

17

Dandara abre os olhos.
 Está deitada em uma esteira no chão de uma oca.
 Seu tornozelo direito está coberto de barro. Sua roupa está surrada e um pouco rasgada.
 Há outras esteiras lado a lado no formato circular da oca.
 No centro há uma grande mesa com cerâmicas de barro de recipientes tampados, ramos de diversos tipos de folhas e cascas de árvore.
 Na frente de Dandara, há uma mulher negra, é YEJI (50), sentada em uma cadeira de madeira.
 Ela usa um vestido colorido e estampado, turbante, pulseiras, braceletes e colares. Ela é cega do olho esquerdo que é azulado.

YEJI

Seun si awon orisás! Nje o ye!

Legendas: Graças aos orixás! Você sobreviveu!

Dandara encara a senhora.

YEJI (CONT'D)

Kikongo?

Dandara continua olhando para ela com estranheza.

YEJI (CONT'D)

Lingala? Suaíli? Fon? Xhosa?

Dandara balança a cabeça para os lados.

YEJI (CONT'D)

Kimbundu?

Dandara faz "sim" com a cabeça.

YEJI (CONT'D)

Kimbundu! Mbundu? Ndongo?

Dandara sorri e a idosa retribui.

Ela aponta ao próprio peito.

YEJI (CONT'D)

Eu, iorubá. De reino Oyó. Eu é Yeji Ialorisá. Mas também pô chamá de Mãe Yeji. Todo mundo daqui é meu fio. Nome de vomicê?

DANDARA

Dandara. Com'eu veio pará aqui?

YEJI

Ma binu! Dandara caiu domida em foresta, Ganga Zona encontrou e tazeu vomicê pa Oxile Ewe. Eu passou ewe em péna de vomicê pa curá ferida de ejó-

DANDARA

Mas... onde nós tá?

YEJI

Ngola Janga, mia fia.

Yeji sorri.

YEJI (CONT'D)

Vomicê tá em Ngola Janga, terra onde nego é live.

18

EXT - MOCAMBO MACACO - DIA

18

O mocambo é enorme, há um grande paredão de madeira cercandoo inteiramente, com quatro torres de vigilância que sobressaem às ocas baixas.

São incontáveis ocas, umas grandes e outras menores. Perto de cada oca, há pequenas hortas com diversos tipos de vegetais, frutas e legumes.

Galinhas andam ciscando entre uma oca e outra em ruelas de terra batida.

Algumas mulheres batem pilões sincronicamente.

Um homem BRANCO lapida uma lança.

INDÍGENAS estão sentados em círculo em um gramado.

Há um grupo de crianças negras e indígenas brincando.

Yeji ajuda Dandara a andar, segurando sua mão.

Quando ela consegue equilibrar-se, Yeji solta a mão devagar.

YEJI

Mia fia deve tá a querê coniecê
Mocambo, né? Mãe Yeji chama um
moleque pa ensiná mocambo pa mia
fia.

A senhora aperta a vista na direção das crianças e levanta o braço chamando.

YEJI (CONT'D)

Lukeni! Vem cá, mo fio.
(para Dandara)
Vomicê vão se dá muito, m'alguma
ora Lukeni pó testá paciência de
vomicê.

LUKENI (8) vai correndo até elas. Ele tem uma cicatriz próxima ao olho direito, suas costas têm várias marcas de chicote, no peito tem uma cruz e outros três carimbos de ferro quente.

Usa apenas TANGA e, assim como todos em Palmares, anda descalço.

YEJI (CONT'D)

Lukeni, ensina mocambo pa mia fia
Dandara, vai.

Lukeni concorda com a cabeça.

Ele e Dandara caminham pelo mocambo.

LUKENI

Aqui é Mbanza Macaco, mocambo mais
maior de Ngola Janga.

O menino olha de cima a baixo para Dandara com desdém.

LUKENI (CONT'D)

Eu sou Lukeni, bakongo da linhagem
nobre Kianza, do reino do Congo e
sobrinho do manikongo.

DANDARA

O quê?

LUKENI

Manikongo. O rei de Ngola Janga...
Ganga Zumba.

DANDARA

Seu tio é rei?

Dandara fica boquiaberta.

DANDARA (CONT'D)

Suncê diz que tem outos mocambo?

LUKENI

Sim, um monte. O Subupira, onde
fica o kilombo-

DANDARA

Que isso?

LUKENI

(suspira e revira os
olhos)

Suncê pergunta muito e ouve pouco!
Kilombo é onde nós se prepara pra
guerra. Continuando: Aqualtune,
Amaro, Tabocas, Dambanga, Quissama,
Andalaquituche, Osenga. Osenga é pa
homenageá meu pai...

Ele fica em silêncio e olha para baixo.

DANDARA

Que foi?

LUKENI

Nada. Tá vendo o muzungu ali?

Aponta para o homem branco lapidando a lança.

LUKENI (CONT'D)

Cuidado com eles. Fizeram crime e
depois fugiram pa Ngola Janga.

Aponta aos indígenas.

LUKENI (CONT'D)

Já os janduís suncê pô confiá. Num
sei nem porque nkasi Zumba deixa
muzungu entrá.

(pausa)

Como suncê chegou aqui?

DANDARA
Eu vim com...

Dandara olha para baixo.

LUKENI
Com quem?

DANDARA
(baixo)
Mama Akula.

LUKENI
E cadê ela?

Dandara não responde.

LUKENI (CONT'D)
Ei, tô falando com suncê.

Lukeni cutuca o braço de Dandara. Ela dá um tapa na mão dele.

DANDARA
(irritada)
Num veio.

LUKENI
Por que não?

DANDARA
Ela...

LUKENI
Mas que coisa! Suncê fala, fala,
fala. Na hora que eu pergunta, num
quer falar!

DANDARA
Ela foi pegada por capitão-do-mato.

LUKENI
E suncê num fez nada?

Dandara olha nos olhos dele e cerra os punhos.

LUKENI (CONT'D)
Por que num tentou ajudar? Suncê
podia tê lutado!

Dandara PULA em cima dele, os dois caem no chão. Lukeni
protege o rosto com os antebraços que são socados pela
garota.

Um homem avista-os e corre na direção deles. Musculoso, usa túnica colorida, é GANGA ZONA (30).

GANGA ZONA
Ê! Benou bika kunuana!

Legendas: ei, parem de brigar!

Ele tira a garota de cima de Lukeni.

GANGA ZONA (CONT'D)
Lemba nge, mwana kento, nini kena
kuluta awa?

Legendas: acalme-se, mocinha. O que está acontecendo aqui?

Lukeni levanta-se e limpa a terra do corpo.

LUKENI
Kilawu yayi me banda kubula munu ni
kuandi diambu!

Legendas: tio, essa doida começou a me bater sem motivo!

DANDARA
Que tá falando aí sô verme!

GANGA ZONA
Calma, minina. Lukeni, volta bincá
com os moleque.

Lukeni dá uma olhada feroz para Dandara antes de sair.

GANGA ZONA (CONT'D)
Eu é Ganga Zona-

DANDARA
Ah! Suncê que saravou mia vida! Eu
tá muito gadicida, siô Zona.

Ele põe o braço no ombro dela e a guia pelo caminho.

GANGA ZONA
Vem com eu, minina.

DANDARA
Favô seu ganga, num muxinga eu não!
Eu num vai mais batê em moleque,
não.

Ganga Zona ri.

GANGA ZONA

Eu não vai muxingá ninguém, não.
 Dandara tem coragem de jaga. Suncê
 tem que aperendê a lutá que nem um
 jaga. Mas também sabê que os
 calhambola de Ngola Janga é tudo
 malungo. Os inimigo tão lá fora,
 nas fazenda e nos engenho.

19 EXT - KILOMBO - DIA 19

NA TELA: Mocambo Subupira

O kilombo é uma área coberta de areia branca com formato circular.

Há alguns alvos de madeira com flechas e lanças fincadas além dos buracos de bala.

Dandara e Ganga Zona estão no centro da arena.

Ele mostra para ela movimentos com a perna.

Dá diferentes tipos de chutes no ar a cada nome de golpe.

Faz de conta que vai bater no rosto dela, ela abaixa a cabeça.

20 EXT - FLORESTA/RIACHO - PÔR-DO-SOL - 1670 20

DANDARA (16) está correndo pela mata.

LUKENI (16), musculoso, corre na frente dela segurando o COLAR DE BÚZIOS.

DANDARA

Exu virado, devolve!

Lukeni desaparece e Dandara para ofegante, olhando para todos os lados.

Escuta-se um riacho ali próximo.

DANDARA (CONT'D)

Aparece, ô mulambento! Se eu te pego... Vai vê só!

Ele pula de uma árvore em cima dela e caem na terra. Segura os braços dela, o colar não está com ele.

LUKENI

O que suncê vai fazer, hein?!

Dandara se debate até conseguir girá-lo e ficar por cima dele.

Prepara-se para dar um soco na cara dele, mas o rapaz intercepta o golpe.

DANDARA

Hm... Aprendeu, foi?!

Lukeni puxa o braço dela, eles ficam com os corpos colados.

Olham-se nos olhos.

Lukeni fecha os dele aproximando seu rosto ao dela, os lábios apertados.

Ele dá um GEMIDO de dor. Dandara chutou-o entre as pernas.

Levanta-se enquanto ele contorce no chão, em posição fetal com as mãos entre as pernas.

DANDARA (CONT'D)

Cadê o colá?

LUKENI

Tá... lá... hmm...

Ele aponta para a árvore em que estava.

Dandara escala os galhos.

Recupera o colar e desce da árvore.

Aperta-o contra o peito de olhos fechados.

Volta-se a Lukeni.

DANDARA

Iss'ê pa suncê aprendê a nunca mais mexê comigo, visse?

LUKENI

Por que o colar importa assim pra Dandara?

DANDARA

Num 'teressa! Faz isso mais uma vez pa tu vê se num corto tuas bola.

Lukeni arregala os olhos e engole em seco.

Dandara vai até a margem do riacho.

Senta-se com os pés na água.

O riacho é raso, a água escorre entre pedras grandes e é cristalina.

Ela observa o movimento das águas, mas o olhar está longe.

Lukeni senta-se ao lado e põe os pés na água.

Eles passam um tempo em silêncio.

Ele alterna olhares entre a água e a garota.

DANDARA (CONT'D)

Significa muito pa eu... Mama Akula que fez.

Dandara olha para o colar.

DANDARA (CONT'D)

Me alembro bem daquele dia...

Ela toca na água.

Lukeni toca na mão dela.

Dandara afasta a mão.

DANDARA (CONT'D)

Tentei carregá ela... Tentei... Eu devia ter se forçado mais...

Ela seca os olhos úmidos com o dorso das mãos.

LUKENI

Se suncê tivesse ficado, ia
'conticê a mesma cousa que
'conticeu com meu tata Osenga.

Seus punhos, apoiados na terra, se fecham.

LUKENI (CONT'D)

Tata num 'guentou vê fazere mal pa
mama sem fazê nada. E deu no que
deu.

(pausa)

Nesse dia aprendi o que um home é
capaz de fazê com outo home. Meus
pesadelo não me deixa esquecê o que
eu viu. Eu viu tata se transformá
numa poça de sangue. Eu nunca vai
esquecê. Nunca.

Lukeni olha o próprio reflexo na água.

LUKENI (CONT'D)
 Hoje, é lembrá disso que faz eu
 andá pa frente.

Dandara observa-o compassiva.

Eles passam um tempo em silêncio.

Dandara tenta colocar o colar no próprio pescoço.

DANDARA
 Lukeni... pode?

Entrega o colar e vira-se de costas.

Ele põe no pescoço dela delicadamente.

Faz carícia. Ela ri e volta-se para ele.

DANDARA (CONT'D)
 Que suncê pensa que tá fazendo?

LUKENI
 (nervoso)
 Nada, eu...

DANDARA
 Faz de novo.

Lukeni fica sem reação.

Ele acaricia o pescoço dela outra vez.

A pele dela se arrepia. Ela fecha os olhos e suspira.

Lukeni se aproxima do pescoço dela e beija-o.

Dandara arqueja.

As mãos dele deslizam pelas costas dela.

Dandara abre os olhos e se vira bruscamente para ele.

LUKENI
 Fiz coisa errada?

Dandara ri e se joga por cima dele. Ficam na mesma posição de quando lutaram.

Ela beija-o intensamente.

No horizonte, o sol se põe por completo.

21 EXT - MOCAMBO MACACO - DIA

21

OFF: os palmarinos cantam "The Click Song".

Dandara e Lukeni estão no centro do círculo que formam os palmarinos reunidos para a cerimônia de união entre os dois.

Entre os palmarinos estão Yeji (58) e Ganga Zona (38).

Homens de túnicas e mulheres com vestidos, pulseiras, colares, braceletes e turbantes, todos com estampas bem coloridas.

Dandara espeta a palma da mão direita em um espinho.

Vira a palma para Lukeni.

DANDARA

Ba menga ya munu menga, ntangu yayi
beto sala divuandu mosi. Munu
meyekula luzingu ya munu ya mvimba
samu na beno.

Legendas: sangue do meu sangue, agora formamos um só laço. Eu sacrificaria minha vida pela sua.

Ela passa o espinho para Lukeni.

Ele também espeta a palma da mão e vira para ela.

LUKENI

Ba menga ya munu menga, ntangu yayi
beto sala divuandu mosi. Munu
meyekula luzingu ya munu ya mvimba
samu na beno.

Legendas: sangue do meu sangue, agora formamos um só laço. Eu sacrificaria minha vida pela sua.

22 INT - OCA - NOITE

22

Dandara está GRÁVIDA, deitada na rede, amamenta a primogênita AKULA JANGA, com poucos apenas meses de idade.

Elas são iluminadas por uma pequena fogueira.

Dandara acaricia a enorme barriga.

DANDARA

(cantando)

UMBI-UMBI YANGE YELE LA TUENDE.
KAKELE KATCHIMBAMBA OSALA POSI.

(MORE)

DANDARA (CONT'D)
 UMBI-UMBI YANGE YELE LA TUENDE.
 KAKELE KATCHIMBAMBA OSALA POSI.

Dandara suspira fundo.

Ela acaricia seu colar de búzios.

Dandara acaricia a cabeça da bebê.

DANDARA (CONT'D)
 Queria que sua vó visse quanto
 suncê é linda, Akula Janga.

23

EXT - ENTRADA - MOCAMBO MACACO - DIA - 1672

23

Dandara (18) e outras mulheres carregam grandes vasos de água na cabeça.

Outros palmarinos correm para lá levando alimentos e outros mantimentos.

Os palmarinos recebem os RECÉM-CHEGADOS que entram pelo gigante portão de madeira. Muitos estão feridos.

Os curandeiros e curandeiras cuidam deles.

Dandara desce o vaso da cabeça e, com uma cuia, distribui para cada um.

LUKENI (OFF)
 (grita)
 Solta ele já!

Todos voltam sua atenção para Lukeni.

Ele está com a mão na bainha, pronto para pegar a adaga.

Na frente dele um homem BRANCO, descalço, CRISTÓVÃO, carrega um negro mancando.

CRISTÓVÃO
 Calma, eu tô com vosmicês-

Lukeni aponta para fora do mocambo.

LUKENI
 Vai embora, muzungu.

CRISTÓVÃO
 Este homem é meu malungo e está
 ferido. Preciso ajudar ele.

Ele continua dando apoio para o negro e vão andando.

Lukeni tira a adaga da bainha e ATACA o branco.

No mesmo instante, um CAJADO de madeira bate com força na adaga, cai fincada no chão.

GANGA ZUMBA

Lukeni num tem direito de negá
Ngola Janga pa muzungu!

GANGA ZUMBA (50) usa uma túnica de cores vivas e estampada que vai até o chão, na cabeça um turbante, segura um cajado.

GANGA ZUMBA (CONT'D)

Ngola Janga é mãe de qualquer'un
que peocura ela pa tê paz e
liberdade.

Todos os palmarinos ajoelham-se para reverenciá-lo, inclusive Lukeni.

Os palmarinos se levantam.

LUKENI

Perdoa, meu manikongo. Os muzungu
fizero muito mal po nosso povo e
pos tapuia. Ganga num divia-

GANGA ZUMBA

Num divia o que?! Lukeni vai ensinã
como manikongo deve cuidá do seu
povo?

LUKENI

Não, meu ganga, num era minha
vontade-

Ganga Zumba volta-se para todos.

GANGA ZUMBA

Vomicê tudo olha aqui!

Ele pega a adaga do chão e se vira para Cristóvão.

GANGA ZUMBA (CONT'D)

Dá sa mão, faz favô.

Cristóvão estica o braço e Ganga Zumba faz um corte na palma da mão do homem.

Ergue o braço dele e mostra aos palmarinos.

Zumba corta a própria mão e põe ao lado, no alto. De ambos escorrem fios de sangue.

GANGA ZUMBA (CONT'D)
 Os fio de Ngola Janga tão veno?
 Lukeni tá veno? E lá meu sangue é
 diferente do dele? Os bakongo
 sangra diferente dos xhosa? Dos
 zulu, dos fon, dos iorubá?

Ele aponta para dois grupos de famílias indígenas.

GANGA ZUMBA (CONT'D)
 E os janduís num sangra que nem os
 tupinambá? Por acaso num tem tapuia
 e nego que ajuda muzungu? Pa nós,
 eles é inimigo que nem muzungu! Do
 odo lado do calunga, mui de nós se
 matavo e ero inimigo, mas desse
 canto do má nós tudo somo NEGO!
 Aqui, nego é quaquerum que anda
 descaço, tá 'tendeno?

Zumba devolve a adaga para Lukeni.

Lukeni abaixa a cabeça reverenciando.

Guarda a adaga na bainha.

24

EXT - FLORESTA - TARDE

24

Em um ninho de UIRAPURU, a mãe alimenta os filhotes na boca.

Eles estão em uma GAMELEIRA-BRANCA.

Dandara acaricia o tronco.

A gameleira é grande, larga e repleta de cipós.

YEJI (OFF)
 Iroko y só!

Yeji sai de trás da árvore.

Dandara leva a mão ao peito, assustada.

Yeji dá a volta e se aproxima de Dandara.

Dandara se curva e estica a mão para pedir bênção.

DANDARA
 Mukuiu.

Yeji dá sua mão e Dandara beija.

Yeji beija a dela.

YEJI

Mukuiu no Nzambi.

Yeji toca no tronco.

YEJI (CONT'D)

Iroko é siô do tempo. É codão
'bilical de Ayê e Orun, o mundo dos
vivo com das alma.

DANDARA

Eu sempre sente bem quando tá perto
de kilembe iroko.

Yeji fita-a nos olhos.

YEJI

Po que têm medo nos óio de Dandara?

DANDARA

Mãe Yeji, a hora que nós esperava
tá chegando. Os muzungu tão furioso
po que tem muito nego vindo pa
Ngola Janga. Eles tão vindo atacá
nós. 'Magina o que pode 'contece se
eles pega nós. Num quero que meus
fio creça que nem eu crecí, Mãe
Yeji.

YEJI

É po is' que nós tem de lutá, mia
fia. Lutá inté o último nego em pé.

DANDARA

Mas como eu pode?

Yeji segura as mãos de Dandara.

YEJI

Mia fia, passario só avoa quando
pede medo de pulá. Só tem um jeito
de nós num tê medo da luta. Se pedê
medo de Iku. Nós num tem que tê
medo de Iku levá nós, sá poquê?
Poque todo mundo um'ora vai po
vente de Nanã. Nós num tem que tê
medo de morrê. Nós tem que tê medo
de num tê vivido. E vivê, tem de sê
lutá po bom motivo.

Yeji toca com o indicador no peito de Dandara.

YEJI (CONT'D)

Dandara guarda isso sempre aqui que
Dandara num vai mai tê medo.

Dandara sorri.

Yeji abre os braços.

Dandara abraça-a e encosta sua testa na de Yeji.

25 A EXT - PRAÇA CENTRAL - NOITE 25 A

Os palmarinos dançam envolta de uma enorme fogueira.

Um grupo menor roda em sentido horário e outro maior envolve-os rodando no sentido oposto.

Os músicos tocam instrumentos africanos como o BALAFOM, ORUTU, CORÁ e outros.

Yeji canta um refrão e os palmarinos repetem.

Ganga Zumba está em um trono de madeira, fumando cachimbo e observando a dança.

26 EXT - TORRES - NOITE 26

Em uma das torres, o sentinela sopra uma CORNETA de chifre.

Na segunda torre, o outro sentinela começa a soprar.

Juntam-se a eles, os sentinelas das torres 3 e 4.

25 B EXT - PRAÇA CENTRAL - MACACO - NOITE 25 B

Os músicos vão parando de tocar e os palmarinos de dançar.

Apenas ouve-se o crepitar do fogo e as cornetas.

Lukeni dá a mão a Dandara, eles correm.

Os palmarinos correm para todos os lados.

GANGA ZONA

Binuani! Ba mambu kena kuiza! Baka
ba minduki!

Legendas: guerreiros! Peguem suas armas! Preparem-se para lutar!

27 INT - ARSENAL - NOITE

27

Na oca há diversos tipos de armas em esteiras no chão: armas de fogo de cano longo ou curto, sacos com pólvora, munições, adagas, espadas, machados, escudos, lanças, arcos e flechas.

Homens entram correndo, pegam armas e saem.

LUKENI

Vamo, ialê, escoli uma.

DANDARA

Suncê qué que eu lute?

LUKENI

Não tem muito tempo. Suncê é dos mió guerrero que tem. Escoli.

DANDARA

Mas nzolo, eu não-

Lukeni segura firme os braços dela.

LUKENI

Dandara! Eles tão atacando nós! Se alguém invade a oca de suncê, é seu devê defendê!

Dandara balança a cabeça para cima e para baixo.

Ela olha para cada uma das armas.

Pega um ARCO E FLECHA.

Lukeni sorri.

Ele pega um mosquete.

28 INT - TORRE - NOITE

28

A torre é feita de madeira e o teto de palha. Lá estão arqueiros e artilheiros, protegidos pela muralha de madeira com brechas para as armas.

Ganga Zona empunha um mosquete. Na torre ao lado há mais atiradores.

Do lado de fora, a mata se mexe, é possível ver apenas silhuetas.

29 EXT - FORA DO CERCO - NOITE 29

Um homem pardo, segurando um mosquete, caminha sorrateiramente na direção da muralha de madeira. É um BANDEIRANTE.

Ao lado dele, aparecem mais dois bandeirantes armados.

O homem pisa em falso em um monte de folhas e afunda gritando. É um FOSSO construído pelos palmarinos.

Lá dentro o breu é absoluto.

COBRAS sibilam e o homem grita mais.

30 A EXT - FLORESTA - NOITE 30 A

Um dos homens corre até o CAPITÃO BEZERRA.

O capitão carrega uma arma de cano curto.

Atrás dele, os bandeirantes estão enfileirados lado a lado com armas em punho.

BANDEIRANTE

(ofegante)

Capitão... tá cheio de... armadilha pra lá, não dá pra passar. Os negros tão mirando a gente de lá de cima.

CAPITÃO BEZERRA

(grita)

Homens, mirem para o alto! Preparar para atirar!

31 A INT - TORRE - NOITE 31 A

GANGA ZONA

Binuani! Beno bongama samu na ku bula!

Legendas: guerreiros! Preparar para atirar!

Os guerreiros miram na direção da voz do capitão Bezerra.

Dandara posiciona seu arco na abertura da parede.

Estica a corda do arco e prende a flecha com penas.

GANGA ZONA (CONT'D)

BULA!

30 B EXT - FLORESTA - NOITE 30 B

CAPITÃO BEZERRA

FOGO!

Ambos os grupos se atiram, voam balas e flechas pelos ares.

31 B INT - TORRE - NOITE 31 B

Abrem-se buracos de balas na madeira da torre. Um guerreiro ao lado de Dandara é atingido no ombro e grita.

Dandara prepara outra flecha. O homem ao seu lado continua gritando.

Ela se prepara para atirar.

Deixa o arco e flecha no chão.

Carrega nos braços o guerreiro ferido.

Ela cola o corpo do homem no seu e desce a torre por uma corda.

32 EXT - TÉRREO DA TORRE - NOITE 32

A infantaria aguarda para atacar atrás do grande portão do mocambo.

O homem tira de sua cintura e dá para Dandara um punhal na bainha.

GUERREIRO

Mukuiu no Nzambi.

DANDARA

Mukuiu no Nzambi.

Legenda: Deus te abençoe.

Ela entrega o homem para um guerreiro que o carrega.

GANGA ZONA

(grita, longe)

Minlongoki! Bongama!

Legendas: infantaria! Preparar!

Olha o punhal em suas mãos e olha para a infantaria à sua frente.

Amarra a bainha na cintura e segura o punhal.

Ela se mete entre os homens da infantaria.

Os guardas puxam o portão que abre-se lateralmente.

33 EXT - FLORESTA - NOITE

33

O tiroteio parou, apenas ouvem-se os sons da floresta.

BANDEIRANTE 1
 Senhor Bezerra, devemos invadir?

CAPITÃO BEZERRA
 Não, espera. Tem algo de errado...

Uma silhueta se move na escuridão.

BANDEIRANTE 2
 (sussurra)
 Ali!

Ele aponta.

Uma sombra aparece atrás dele.

BANDEIRANTE 1
 Cuidado! Atrás de-

Os palmarinos atacam ao mesmo tempo e gritam para amedrontar os bandeirantes.

Os bandeirantes atiram para todos os lados, sem enxergar os palmarinos.

Dandara esconde-se atrás de uma árvore com a adaga na mão.

Do outro lado, há um bandeirante atirando.

Ela abaixa-se ENFIA a adaga na barriga dele.

Dandara, em choque, olha para as próprias mãos sujas de sangue.

O homem, caído no chão, segura a adaga na barriga que jorra sangue.

Ao lado dela, um palmarino armado de lança e escudo leva um tiro no peito e cai.

Ele agoniza até suas forças se esvaírem.

FLASHBACK de Akula lutando contra o capitão-do-mato e levando tiro.

Dandara fecha a cara.

Ela pega a lança e o escudo do palmarino.

Um bandeirante avança na direção dela com um facão erguido.

Ela defende-se com o escudo e dá uma rasteira nele, com ele no chão, enfia a lança em sua barriga.

CAPITÃO BEZERRA
Recuar! Recuar!

Os bandeirantes correm mata a dentro.

34 INT - MUXIMA - DIA SEGUINTE

34

Muxima é a oca de Ganga Zumba, é menor que as outras ocas e cheia de ornamentações africanas e indígenas. Há espelhos e outros objetos de origem europeia.

Ganga Zumba está sentado em seu trono com o cajado.

Em pé estão os 9 sobas (chefes dos mocambos).

Dandara e outra mulher jovem, AQUALTUNE (16), servem jarros com bebidas a eles.

AMARO é o único indígena. Eles tem entre 30 a 60 anos. Ganga Zona está entre os sobas.

Eles falam todos ao mesmo tempo em diferentes línguas.

Aqualtune serve a taça de Ganga Zumba.

GANGA ZUMBA
Ntondele, ame muana.

Legendas: obrigado, minha filha.

Ganga Zumba bate palmas. Gradualmente, faz-se silêncio.

GANGA ZUMBA (CONT'D)
Ka Nzambi ka kala eno. Ampangi zame
kintwadi kwaku, Tu fwete ka badika
kina ki kala ka vanga ye nkadilu.

Legendas: que Deus esteja com vocês. Meus irmãos aqui reunidos, temos que pensar em como lidar com a situação.

Dandara serve o copo cuia de Dambanga.

Soba 1 bate duas palmas.

Ganga Zumba aponta para ele.

SOBA 1

Esse foi ataque pequeno. Não tem homens suficiente pra ataque maior.

SOBA 2

Tutapataje wanaume zaidi?

Legendas: como conseguiremos mais homens?

Dandara põe o jarro no chão e bate palmas.

Todos olham para ela em absoluto silêncio.

Ela bate palmas outra vez.

GANGA ZUMBA

Vomicê tem cousa pa dizê?

DANDARA

Kiame manicongo, e se nós treiná as muié pa lutá?

Todos permanecem em silêncio.

Aqualtune sorri timidamente.

SOBA 3

Que'dea! Se muié fô pa guerra quem cuida de todas coisa que muié tem que fazê em Ngola Janga?

DANDARA

Os soba sabe que era assim nas nossas terra do outro lado do calunga. Suncês conhece as história de Nzinga Mbandi e de muitas outras guerreira, né não? Soba Uebajá era do Daomé, viu um exército só de muié, num foi?

UEBAJÁ

Foi, sim. As Mino, lutam mais bravo que muito home!

Ele dá uma risadinha.

SOBA 3

Mas aqui num é Daomé! Em Angola Janga nenhuma muié sabe lutá, não.

GANGA ZONA

Soba Dambanga tá errado. Dandara é dos mió guerreiro que Ngola Janga tem. Dandara lutou que nem home na bataia de onte.

DANDARA

Não, meu ganga. Eu lutou que nem muié. E se eu pode, outras também pode.

35 EXT - RIO - DIA

35

As mulheres do treinamento estão na margem de um largo rio, são jovens entre 16 e 26 anos.

É possível ver o movimento da correnteza na superfície da água.

Dandara pega um tronco grande e pesado.

Ela entrega para Aqualtune que carrega na cabeça apoiando com as mãos.

Dandara aponta para a outra margem do rio e dá explicações.

Aqualtune pisa na água.

Ela vai andando e afundando o corpo.

Os braços começam a tremer.

A água chega até o pescoço dela e aos poucos alcança a boca.

A respiração está ofegante.

Ela anda mais e chega em um ponto mais elevado, a água bate no pescoço outra vez.

Ela chega à outra margem.

Solta o tronco no chão e olha para trás.

As outras mulheres comemoram agitando os braços.

Dandara sorri.

36 A EXT - ONJÓ KUZAMBÊ - NOITE

36 A

É uma grande área descampada utilizada como terreiro pelos palmarinos, demarcada na terra por um grande círculo.

Há várias estatuetas de madeira grandes fora do círculo, de diferentes orixás. Tochas de bambu iluminam o ambiente.

Os músicos tocam os tambores.

Todos os guerreiros e guerreiras ali reunidos vestem branco, dançam e cantam dentro do círculo.

Yeji, no centro do círculo, usa vestido e turbante brancos com vários cordões largos.

Há várias armas em cima de uma larga esteira.

Quando Yeji abre os olhos estão AZUL-BRILHANTES.

Eles começam a estremecer os corpos enquanto dançam e cantam.

Os músicos tocam os tambores em ritmo mais acelerado.

YEJI

(alto)

Dandara! Fia d'Iansã! Agora é uma apadumé, lídê das Mino!

Yeji dá a ela um arco e flecha.

YEJI (CONT'D)

'Se ofá vai te acompaiá em toda as bataia, ca bênção de Osóssi.

Yeji volta a dançar, se aproxima de Lukeni.

YEJI (CONT'D)

Lukeni, fio de Ogum!

Ela pega uma LANÇA na esteira e finca na terra próximo a Lukeni.

YEJI (CONT'D)

Pega sa lança e nunca deixa destuire ela, poque se não, vão destuí também sa força. Enquan' vomicê tivé ela, vomicê não vai morrê. Por is' vomicê vai se chamá ZUMBI!

Os tambores batem mais forte.

Em um campo aberto, as Mino estão divididas em quatro grupos. Cada grupo com uniformes e armas específicos. Algumas seguram tochas.

Dandara anda de uma ponta a outra da fileira.

DANDARA

(gritando)

De agora pa frente suncês não são mais quem era. Suncês agora são MINO! E Mino não têm medo de morte porque agora suncês sabe que são parte de coisa maió que vida duma só pessoa.

36 B EXT - ONJÓ KUZAMBÊ - NOITE

36 B

Yeji usa um instrumento pontiagudo para cerrar os dentes de Zumbi que está ajoelhado perante ela.

Yeji faz um corte vertical em cada bochecha de Dandara que é a primeira da fila das Mino.

38 EXT - FLORESTA - NOITE

38

Os guerreiros de Palmares estão ali reunidos segurando tochas.

Ganga Zona está na frente com uma lança.

GANGA ZONA

Esse é um camio sem volta, meus malungo. Nós começa um novo tempo pa Ngola Janga. Um tempo de guerra, mas não foi nós que começou sa guerra. Começou quan' nos tiraro das nossas terra do oto lado do má!

CORTA PARA:

Dandara para de caminhar bem no centro dos três grupos, de frente para elas.

DANDARA (CONT'D)

Por que eu pode murrê, suncês pode murrê. Mas Ngola Janga nunca vai murrê!

CORTA PARA:

Ganga Zona ergue sua lança com o braço direito.

GANGA ZONA

E 'sa guerra só acaba quand'a
última gota de sangue do último
nego live fô derramado!

CORTA PARA:

DANDARA

Ngola Janga só vai acabá quando a
última corrente fô quebrada!

Dandara levanta o braço direito com o punho fechado.

DANDARA (CONT'D)

Saravá Ngola Janga?

MINO

Mama sumé!

CORTA PARA:

GANGA ZONA

Saravá Ngola Janga?

Os guerreiros erguem os braços de punho fechado.

GUERREIROS

Mama sumé!

CORTA PARA:

As Mino erguem os braços.

MINO

Mama sumé!

CORTA PARA:

GUERREIROS

Mama sumé!

39

EXT - ENGENHO - NOITE

39

As Mino saem de um lado da mata. Os guerreiros saem de outro.

Os guerreiros e as Mino correm para uma área aberta no
engenho.

Os homens vão para uma pequena construção, a casa de
feitores.

As Mino separam-se em dois grupos.

Um vai para a casa de engenho.

O outro, com Dandara na frente, em direção à senzala.

40 EXT - CASA DE ENGENHO - NOITE 40

Uma Mino enfia uma lança na moenda enquanto outra retira engrenagens.

Uma delas desamarra dois bois.

As outras pegam recipientes contendo pães de açúcar e derrubam-nos no chão.

Pisam e misturam na areia com os pés.

41 INT - CASA DE FEITORES - NOITE 41

A construção só tem um cômodo com várias camas onde dormem os feitores.

Zumbi e cada guerreiro segura uma adaga em cima de um feitor.

Ganga Zona está com um dos braços levantados e palma aberta.

Um dos feitores abre os olhos. Ganga Zona abaixa o braço e fecha a mão, todos guerreiros atacam sincronicamente.

42 INT - SENZALA - NOITE 42

Moscas sobrevoam o ambiente extremamente sujo.

Os escravizados estão sentados no chão ou em pé olhando para a porta de onde vêm barulhos de golpes metálicos.

Aqualtune quebra as correntes da porta.

Alguns estão deitados e outros sentados no chão olhando para elas.

Os escravizados observam-nas calados.

DANDARA

Nós é de Ngola Janga, dos Palmares.
Nós veio levá suncês pa lá, onde
suncês pode sê livre.

Eles continuam encarando-a.

Dandara mostra as cicatrizes nas costas.

DANDARA (CONT'D)
 Eu também já foi de cativero.

Vira-se de frente.

DANDARA (CONT'D)
 Eu sabe como é passar dia e noite esperando milagre que sabe que nunca vai contecê. Quando acontece nem parece verdade. Nós acha que é impossível saí de senzala. Mas num é, nós tá aqui pa tirá suncês. Nós num vai machucá. Suncês agora são livre!

Um idoso levanta-se.

Olha para ela por um tempo.

Ele vai em direção à porta.

Lentamente, um por um levanta-se e caminha para fora da senzala.

43 EXT - PLANTAÇÃO DE CANA - NOITE 43

As Mino estão espalhadas em vários pontos da enorme plantação.

Com as tochas elas incendeiam o canavial.

O fogo alastra-se rapidamente.

As faíscas sobem com a densa fumaça.

44 INT - CASA-GRANDE DE DOM JOAQUIM - DIA 44

NA TELA: 1678

Em uma enorme e luxuosa sala de estar, estão reunidos senhores de engenho. São homens brancos vestidos de COLETES, na faixa dos 50 anos.

Estão em pé, ao redor de uma imensa mesa retangular, agitados e falam todos ao mesmo tempo.

ALBUQUERQUE (50), de barba branca, está na cadeira da cabeceira.

Ele se levanta e faz sinal apaziguador com as mãos.

Eles vão silenciando e sentando-se.

ALBUQUERQUE

(cansado)

Meus caros, meus caros! Acalmemos os ânimos. Estamos aqui para tentar encontrar formas de lidar com a situação. Não adianta apenas reclamarem dos prejuízos que os calhambolas vos causaram. Temos que arranjar soluções, correto?

Um dos homens fica em pé bruscamente apontando para Albuquerque.

HOMEM 1

(sotaque português)

Dizes isto porque não foi a ti que destruíram todo o moinho d'água!

Outro homem fica de pé.

HOMEM 2

O que é um moinho d'água comparado com um plantação inteira de cana? Nos últimos seis anos, toda vez que mando plantar, os desgraçados queimam!

HOMEM 3

Isso sem falar nas minhas melhores peças-da-Índia! Todos ROUBADOS!

Albuquerque BATE na mesa.

ALBUQUERQUE

(irritado)

SENHORES!

(mais brando)

Eu vos repito, acalmem os ânimos.

Eles se sentam.

ALBUQUERQUE (CONT'D)

Como bem disseram, faz anos que tentamos conter essas pragas de negros do Palmar. Mas não obtivemos sucesso porque realizamos bandeiras aqui, bandeiras ali. Todas com poucos homens e pouco investimento. Sei que vossas senhorias pensam que estão gastando demasiado com isso, mas se juntarmos uma generosa quantia dessa vez estou seguro de que funcionará!

HOMEM 1
 (sotaque português)
 Eu não investirei mais um real
 nestas bandeiras inúteis!

HOMEM 4
 Senhores, pensemos bem. Se
 convenceremos o governador de que
 este não é apenas um problema da
 Capitania de Pernambuco talvez a
 Coroa se interesse em nos socorrer.

Albuquerque sorri.

45

INT - PALÁCIO DO GOVERNADOR - GABINETE - DIA

45

É uma elegante sala com objetos dourados, muitas
 ornamentações, esculturas e pinturas.

O governador AIRES DE SOUSA está em uma poltrona com estofado
 vermelho e detalhes dourados. Na frente, uma mesa com muitos
 papéis e cartas empilhados.

Ele molha uma pena na tinta e escreve em um papel.

Batidas na porta.

AIRES DE SOUSA
 Pois não?

Albuquerque entra.

Ele tira a cartola e inclina o corpo fazendo reverência ao
 governador.

Aires olha para Albuquerque.

AIRES DE SOUSA (CONT'D)
 Em que posso ajudá-lo, senhor...

ALBUQUERQUE
 Joaquim Albuquerque. Enviei algumas
 cartas para Vossa Excelência, mas
 creio que não as recebeu...

Aires aponta para a pilha de cartas.

AIRES DE SOUSA
 As cartas estão todas aqui. Diga-me
 do que se trata.

Molha a pena e volta a escrever.

ALBUQUERQUE

É um assunto de extrema urgência, Vossa Excelência. Os negros de Palmares. Há anos eles nos roubam as propriedades, sabotam nossos engenhos-

AIRES DE SOUSA

Sim, sim. Estou ciente do problema.

Põe um sinete na tinta e carimba o papel.

AIRES DE SOUSA (CONT'D)

Vamos contratar homens para recapturar essas peças que lhes foram subtraídas.

Dobra o papel e põe dentro de um envelope.

ALBUQUERQUE

Vossa Excelência. Acho que o senhor ainda não entendeu a gravidade do assunto.

Aires suspira fundo e debruça-se sobre a mesa.

AIRES DE SOUSA

Meu caro... Veja quanto trabalho tenho aqui. Não tenho tempo para me preocupar com um bando de negros alevantados-

ALBUQUERQUE

(irritado)

Aí que Vossa Excelência se engana! Não são um pequeno bando. São centenas, talvez milhares! Se fossem poucos, não seriam um problema tão grande. Mas Palmares é um formigueiro de gentios e não param de se reproduzir! E na mesma rapidez com que roubam nossas peças, os calhambolas passam informações de um para o outro. De modo que logo Palmares chegará na boca dos escravos de norte ao sul do Brasil!

(pausa, mais brando)

A grande questão, Vossa Excelência, é que mais do que apenas um antro de negros fujões, nossos escravos veem Palmares como um símbolo!

Albuquerque acalma-se e recupera o fôlego.

ALBUQUERQUE (CONT'D)
 Se Vossa Excelência não se
 encarregar de destruir os
 palmaristas, logo haverá muitos
 outros Palmares pelo Brasil.

O governador encara-o por um tempo.

Ele se ajeita na poltrona e suspira.

AIRES DE SOUSA
 Muito bem. O que me propõe, senhor
 Albuquerque?

46 EXT - LAGOA - DIA

46

É uma pequena lagoa rodeada por arbustos.

AMARO (27) deixa sua adaga na terra e tira a tanga.

Ele mergulha.

Ao emergir, ouve um BARULHO vindo das margens.

Ele mergulha outra vez e volta à margem por baixo d'água.

Ao sair da água aparece um BANDEIRANTE que lhe dá uma
 CORONHADA na cabeça com uma mosquete.

47 EXT - FLORESTA - DIA

47

Amaro GRITA de dor.

Ele está de cabeça para baixo. Tem um derrame em um dos olhos
 que também está inchado.

Há outras marcas de espancamento no corpo.

Ele está amarrado pelos pés em um galho de árvore.

O capitão FERNÃO CARRILHO, branco, e o bandeirante, Tonhão,
 estão na frente dele.

Tonhão tem em mãos um alicate de ferro.

FERNÃO CARRILHO
 (cansado)
 Vamos lá, tapuia. Colabora, vai.

Atrás do capitão há muitos homens de todas as raças:
 brancos, pardos, crioulos, mamelucos e indígenas.

Eles estão sentados em pedras, troncos ou na terra.

Comem e bebem tranquilamente sob a sombra das árvores.

TONHÃO

Esse tapuia é duro na queda, hein, capitão?! Odeio quando eles não imploram pra parar.

FERNÃO CARRILHO

Ele pode até ser, Tonhão. Mas não tem nada que um bocado de dor não faça um homem falar, isso eu te garanto. No final eles sempre falam. Vai, aperta mais ele.

48

EXT - PRÓXIMO AO MOCAMBO SUBUPIRA - DIA

48

Amaro está na frente de Carrilho e dos outros bandeirantes.

Amaro levanta o braço e aponta para frente, com muito esforço.

Eles estão em um vale, é possível ver a entrada do mocambo atrás dos arbustos.

FERNÃO CARRILHO

Estás seguro de que é aí que se encontra vosso rei?

Amaro lentamente confirma com a cabeça.

FERNÃO CARRILHO (CONT'D)

Sabe o que acontece contigo se me engambelar, não sabe?

Amaro tenta manter a cabeça em pé e encara-o.

Ele enche o peito de ar.

AMARO

(grita)
MBENI!

Legendas: inimigos!

Uma saraivada de flechas e balas recai sobre eles.

Fernão pega a arma de um dos bandeirantes e ATIRA em Amaro que cai no instante.

FERNÃO CARRILHO

Homens, avançar!

Os bandeirantes correm na direção do mocambo.

49 EXT - MOCAMBO SUBUPIRA - DIA 49

NA TELA: Mocambo Subupira

Os sentinelas nas torres são atingidos.

Dentro do mocambo, homens e mulheres correm para todos os lados.

GANGA ZONA grita para seus homens.

50 INT - OCA - DIA 50

Na oca, há grávidas, idosos, crianças, bebês chorando.

Muitos estão encolhidos protegendo-se.

AQUALTUNE levanta os braços.

AQUALTUNE

Ngola Janga! Vem com eu!

Ela se dirige à saída.

EXTERIOR

Várias palhoças estão em chamas assim como a muralha de madeira que cerca o mocambo.

Quando Aqualtune sai da oca, dá de cara com FERNÃO CARRILHO e sua tropa apontando as armas para eles.

51 INT - MUXIMA - NOITE 51

Um cachimbo cai na terra perto dos pés descalços de Ganga Zumba.

Ele está sentado no trono, encurvado, olhando para baixo, com a mão apoiando a testa.

Dandara em pé ao lado dele e Zumbi anda de um lado ao outro, inquieto.

O ambiente é iluminado por tochas.

Na frente deles, Cristóvão segura uma carta.

CRISTÓVÃO

"Vossa Majestade do grandioso
Palmares, não é de meu agrado que
tenhamos chegado a esta tão trágica
e extrema situação."

DANDARA

Manicongo, muzola mu vé kukota na
ba mambu yayi ke ya mbote vé mpe ya
mpâsi.

CRISTÓVÃO

"É com mui pesar que vos faço esta
proposta de negociação, todavia não
resta-nos outra maneira de acabar
com esta guerra que se estende por
décadas a fio em que ambas as
partes saem perdedoras. Creio que a
paz será benéfica tanto para nós
quanto para vossas senhorias-

ZUMBI

(grita)

Zabisa yinki beno zola!

Legenda: fala logo o que quer!

DANDARA

Zumbi pede pa suncê sê mais direto.

Cristóvão troca de folha.

Ele passa os olhos rapidamente.

CRISTÓVÃO

O governador Aires de Sousa quer
que nós não recebamos novos
escravos fugidos e que nos mudemos
ao Vale do Cucaú, assistidos por
dois padres escolhidos por ele.

ZUMBI

Padre?

DANDARA

(baixo)

Kena a mu zongodi. Kena mosi
ebendula.

Legendas: é para nos vigiar. É uma emboscada.

CRISTÓVÃO

Em troca o governador vai libertar os presos, dismantelar o destacamento militar pronto para nos atacar, dar alforria aos nascidos em Palmares, dar permissão para nós comercializarmos com os colonos vizinhos e... Os que não forem nascidos em Palmares deverão ser entregues à Coroa.

Cristóvão faz reverência e sai da oca.

Do lado de fora ouvem-se os sons da floresta a noite.

Ganga Zumba continua encurvado olhando para baixo.

Dandara se agacha na altura dele.

DANDARA

Meu Ganga, sei que é decisão difíce. Aqultune é a mió das Mino, meu braço direito. Ganga Zona criou eu como um tata. Mas se manikongo pará pa pensá, vai vê que se nós não se entregá vai podê saravá Aqultune, Ganga Zona e todos os outro. Nós num pó se entregá, meu Ganga.

Ganga Zumba continua olhando para o chão.

GANGA ZUMBA

(baixinho)

Eu só queria potegê meu povo... Eu faiou, Dandara. Eu faiou...

Em um rápido movimento, Zumbi pega Ganga Zumba pela túnica e balança-o.

ZUMBI

(grita)

Vai faiá se aceitá acordo com muzungu!

Dandara dá um empurrão em Zumbi.

DANDARA

(grita)

Zumbi!

Zumbi solta Ganga Zumba devagar.

Zumbi sai da oca.

Dandara e Ganga Zumba passam um tempo em silêncio.

GANGA ZUMBA

Nós finalmente vai podê tê paz com os muzungu, Dandara. Zumbi um dia pedoa eu...

DANDARA

Não é pa Zumbi que manikongo tem de pedí deculpa. É po seu povo.

GANGA ZUMBA

Dandara tem fio também. Vomicê ía deixá seus fio e seus mpangi sê 'scavo ota vez?

DANDARA

Suncê sabe o que vai 'conticê se fô pa Cucaú. Suncê sabe que os branco não cumpre palavra. Zumba vai destruí o seu povo.

Dandara sai da oca.

52

EXT - VALE DO CUCAÚ - PÔR-DO-SOL

52

Venta forte na grande área descampada e plana. A vegetação rasteira é cercada por um planalto com apenas uma abertura para saída ou entrada.

Uma parte dos moradores do mocambo Macaco caminha pelo vale levando sacas na cabeça e nos braços.

A alguns metros estão os que foram sequestrados, agora livres.

AQUALTUNE corre para abraçar Ganga Zumba.

Juntam-se ao abraço outros adultos e crianças.

GANGA ZONA, observa-os amargurado.

53 A

EXT - PRAÇA CENTRAL - MOCAMBO MACACO - NOITE

53 A

Os guerreiros estão reunidos na metade da área circular da praça. Na outra metade estão as Mino.

Os dois grupos batem lanças e pés no chão, sincronicamente ao som dos tambores.

YEJI e os demais palmarinos estão reunidos em volta deles.

54 A EXT - VALE DO CUCAÚ - NOITE 54 A

Os palmarinos montaram um acampamento provisório.

Estão celebrando: dançam, cantam e batucam ao redor de fogueiras.

Ganga Zumba, sentado em seu trono, com uma mão segura a de Aqualtune, sentada ao seu lado, e com a outra leva uma TAÇA à boca.

Ganga Zona está sentado em um canto observando-os.

53 B EXT - MOCAMBO MACACO - NOITE 53 B

Zumbi e Dandara estão de mãos dadas, no centro da praça.

Zumbi usa uma saia curta azul, uma coroa de búzios e várias miçangas no pescoço.

Dandara usa uma longa saia escarlata e coroa de búzios na cabeça.

Ela está coberta de colares de búzios que lhes cobrem os seios nus, pulsos, braços e calcanhares.

DANDARA

Kena mosi kiampa kuingi luaxiku a
Ngola Janga!

Legendas: é um novo começo para Angola Janga!

54 B EXT - VALE DO CUCAÚ - NOITE 54 B

Zumba começa a tossir e tapa a boca com a mão.

Ele tosse mais forte.

AQUALTUNE

Desi? Desi Zumba?

Legendas: pai? Pai Zumba?

53 C EXT - MOCAMBO MACACO - NOITE 53 C

ZUMBI

Aqui nium nego vai baixá cabeça pa
muzungu outra vez!

Os palmarinos vibram, gritam, movimentam as lanças e braços no ar.

54 C EXT - VALE DO CUCAÚ - NOITE 54 C

Ganga Zumba tosse mais forte e deixa cair a taça derramando vinho tinto na terra.

Retira as mãos que tapavam a boca e vê SANGUE nelas.

Cai no chão.

Aqualtune segura a cabeça do pai e mexe-a.

AQUALTUNE

Desi!

(grita)

Ajuda! AJUDA!

O batuque cessa.

Os palmarinos correm para socorrê-lo.

Aqualtune sacode Ganga Zumba, mas ele não reage, está MORTO.

53 D EXT - MOCAMBO MACACO - NOITE 53 D

Zumbi e Dandara levantam as mãos entrelaçadas.

ZUMBI

Saravá Ngola Janga?

PALMARINOS

Mama sumé! Mama sumé!

54 D EXT - PLANALTO - VALE DO CUCAÚ - NOITE 54 D

Por toda a extensão do cume estão posicionados SOLDADOS da Coroa armados com mosquetes e canhões.

PALMARINOS (V.O.)

Mama sumé! Mama sumé!

Eles ATIRAM.

Explodem as balas de canhões no acampamento.

TELA PRETA

55 EXT - PALÁCIO DO GOVERNADOR - DIA 55

NA TELA: Olinda, 1692

Em cima de um palanque, Aires de Sousa passa um tubo de papel para CAETANO DE MELO E CASTRO (60).

Há uma grande faixa atrás deles: "Deus abençoe o novo governador".

Na frente do palanque há uma plateia de homens e mulheres brancos bem vestidos aplaudindo.

56

EXT - JARDIM - PALÁCIO DO GOVERNADOR - DIA

56

É um dia ensolarado. O jardim tem arbustos cortados que formam desenhos geométricos retos.

Caetano e Albuquerque estão sentados em um banco.

Caetano tem uma bengala apoiada ao lado.

Ele acende um cachimbo com um fósforo.

CAETANO

Não se preocupe, senhor Albuquerque. Prometo que em minha gestão resolverei de uma vez por todas o problema dos negros dos Palmares. E para a satisfação do senhor e de todos os ofendidos desta Capitania, mandarei trazer a cabeça do dito "rei negro".

Solta uma risadinha.

CAETANO (CONT'D)

"Rei negro"!

Fuma o cachimbo.

Albuquerque, desconfortável, se ajeita na cadeira.

ALBUQUERQUE

Vossa Excelência pode achar de certa forma... excêntrico o que vou falar-

CAETANO

Me chame de Caetano, por favor. Vamos caminhar um pouco.

Eles levantam-se.

Caetano apoia-se na bengala para andar.

ALBUQUERQUE

Claro, senhor Caetano. Como eu estava prestes a dizer, esses negros acreditam que o rei deles... Zumbi... É... Imortal.

Caetano dá uma gargalhada.

ALBUQUERQUE (CONT'D)

No povoado dizem que já foi visto levar inúmeras balas e flechas e continua vivo.

Põe uma mão no ombro de Albuquerque e dá tapinhas leves.

CAETANO

O senhor tem minha palavra. Inclusive já providenciei quem será encarregado disso. O senhor já ouviu falar do paulista Domingos Jorge Velho?

Albuquerque para de andar.

ALBUQUERQUE

Perdão, o senhor disse... Paulista?

Caetano também para.

CAETANO

Eu entendo sua aflição, mas garanto que, especificamente, esse bando de paulistas não será motivo de preocupação para nós. Já para os palmaristas... Não posso dizer o mesmo!

Ele dá uma risada.

Eles voltam a andar.

Fuma outra vez.

ALBUQUERQUE

Senhor, com todo respeito, mas esses gentios não conhecem leis e não seguem nenhuma ordem. Muitos nem batizados são!

CAETANO

Meu caro, é justamente por serem tão selvagens que são os mais qualificados ao serviço.

(MORE)

CAETANO (CONT'D)

Para termos sucesso com esta empresa de uma vez por todas, é necessário gente de raça ruim, entende?

57 EXT - VILAREJO - NOITE 57

Cavalos galopam pelas ruelas de pedra da pequena vila.

Os moradores fecham as portas e as janelas das casas, apagam as velas.

DOMINGOS JORGE VELHO (52) tem na cabeça um chapelão de abas largas, barba grisalha, ceroula, um colete de pele de onça-pintada e botas altas.

Ele cavalga na frente de seu bando, os PAULISTAS. Formado por brancos, mamelucos, indígenas e crioulos. Uns correndo e outros a cavalo, seguram tochas.

Descalços, usam gibão de couro, cinturão com balas, perneiras, chapéus de palha. Armados com espingardas, mosquetes, arcos, flechas e facões.

Eles arrombam as portas e invadem as casas.

58 INT - CASA - VILAREJO - DIA 58

Um paulista entra em uma casa com a porta arrombada e põe todos os objetos que encontra pela frente em um grande saco de linho.

Domingos entra na casa com um facão em uma mão e uma tocha na outra.

Ele vai até um quarto onde há duas mulheres encostadas no canto das paredes.

Elas GRITAM.

59 INT - OCA - NOITE 59

DANDARA (38), alguns fios de cabelo branco, levanta-se bruscamente da esteira em que dormia.

Ela recupera o fôlego sentada.

NA TELA: Mocambo Zumbi

60 EXT - PRECIPÍCIO - NOITE

60

O abismo fica alguns metros de distância do mocambo.

É lua nova e o céu estrelado está limpo, sem nuvens.

Abaixo do enorme despenhadeiro há um rio que corta a extensa floresta cobrindo a serra.

Dandara, a uns metros longe da beira, olha para o céu.

Ela segura o COLAR de búzios no pescoço.

AKULA JANGA (OFF)
Pesadelo, mama?

Dandara se vira para AKULA JANGA (22).

Ela tem duas cicatrizes na bochecha que identificam uma Mino.

AKULA JANGA (CONT'D)
Mukuiu.

Ela pega na mão de Dandara e beija-a.

Dandara faz o mesmo.

DANDARA
Mukuiu no Nzambi.

Dandara volta sua atenção às estrelas no céu.

Akula olha para o alto.

Dandara deita-se na grama.

Akula deita ao lado dela, no sentido oposto, encostando a cabeça na da mãe.

DANDARA (CONT'D)
Me alembro quando eu ficou oiando as estela coa sa avó. Ela contou das história do outro lado do mar. De quando ela vivia com meu tata entre os soba, os angola, os jaga e a rainha Nzinga.

AKULA JANGA
Suncê fala tão pouco de vó Akula.

DANDARA
Sabe como ela me chamava?

DANDARA (CONT'D)
Umbi-umbi.

AKULA JANGA
Umbi-umbi.

Elas sorriem.

AKULA JANGA (CONT'D)
Pássaro que avoa alto, suncê vive falando isso. Mas como ela era, mama?

DANDARA
Hm... Muito paricida com Mãe Yeji. Com esse jeitin' sempre cuidadô. Ela se 'sforçava pa num deixá o trabaio pesado fazê endurecê o coração. Imagina só, muana, nós trabaiava desde o sol nacê até decê.

Seus olhos ficam úmidos.

DANDARA (CONT'D)
Nunca ouvi mama Akula recramá da vida, o contrário. Tava sempre vendo o lado bom das cousa. E foi sa noite, do céu cheio de mbuetete briante, que ela me falou 'ma cousa linda. Ela disse:

No lugar de Dandara adulta está a AKULA MÃE (28) deitada na grama e no lugar de Akula Janga, DANDARA CRIANÇA (8) de cabelo trançado.

AKULA MÃE
Sabe, muana, si vê bem, n'existe mote, não. Depoi que nzambi sai de copo, nzambi fica live. Nzambi volta pas terra onde copo naceu. Agora memo tata nos potege, também vó e o vó de Dandara. Todos os bakulo.

Dandara (38) volta a ser ela e Akula (22) agora é a filha.

DANDARA
Todos os que viero ante de nós. Eles não morre, tão aqui.

Dandara vira-se de lado e aponta para o peito da filha.

Elas voltam a olhar para cima em silêncio por uns instantes.

DANDARA (CONT'D)

Meu pesadelo... Foi muito ruim. Eu viu um bando de onjó pegando fogo. Todo mundo gritava e chorava e corria. Voava bola de fogo pa todos os lado, com baruido de trovão. Era o fim de Ngola Janga.

AKULA JANGA

Preocupa, não, mama. Foi só pesadelo. Suncê sempre diz que Ngola Janga nunca vai acabar, né não?

DANDARA

(sussurra)

É. Ngola Janga nunca vai acabá.

Akula vira-se de lado para sorrir para Dandara. Ela força um sorriso em retorno.

Quando Akula para de olhar, Dandara desfaz o sorriso.

61 EXT - FLORESTA - MANHÃ

61

Dois meninos negros brincam. Menino 1 está em cima de uma árvore balançando os galhos.

Em baixo dele, menino 2, apanha as frutas que caem.

Quando menino 1 para de balançar o galho e olha para baixo, vê um bandeirante PAULISTA atrás do menino 2.

MENINO 1

Tibíra!

Legenda: irmão!

Em um rápido movimento o paulista tapa a boca do menino 2 e imobiliza seus braços. Ele grita, mas sai apenas um som abafado.

Menino 1 pula da árvore e dá de cara com um indígena armado de lança.

O menino corre.

O indígena atira a lança que finca na terra próxima ao pé dele, mas ele consegue desviar.

62 INT - ATALAIA - DIA

62

POV de alguém olhando em uma LUNETTA um acampamento de bandeirantes entre as matas.

São várias cabanas pequenas em diferentes pontos ao redor do mocambo.

É ZUMBI (38) quem olha pela luneta.

Ao seu lado está Dandara.

Eles estão em um mirante no pico da serra próximo ao mocambo Zumbi.

É uma torre circular de madeira, coberta por um teto de palha, com vista para todas as direções e uma longa escada.

DANDARA

Eles cercaro tudo, Zumbi. Até as fonte d'água.

Ele guarda a luneta.

ZUMBI

(baixo)

Isso exprica os moleque que sumiro.

Dandara olha para os acampamentos.

DANDARA

É... Os desconjurado se juntaro com os tapuia inimigo oruazes.

ZUMBI

Eu num entende... por quê os colono num avisaro nós?

DANDARA

(com pesar)

Pode sê... que eles tenho matado. Eu ouviu que saquearo um buala perto de Olinda.

Zumbi se escora no parapeito, encurvado.

ZUMBI

Nós num tem nem como comunicá os outro mocambo.

Dandara acaricia as costas nuas dele.

DANDARA

Ame nzolo, acho que o jeito é nós
num deixá ninguém saí desse mocambo
por esses tempo. Nós tem água e
comida pa 'guentá um bom tempo
ainda. Nós já 'guentou tanta cousa.
Isso nós também 'guenta, meu nzolo.

63 EXT - CONTRA CERCA - DIA 63

Os bandeirantes paulistas construíram uma extensa cerca de madeira que cobre os arredores do mocambo Zumbi.

A cerca palmarina que encontra-se em terreno mais elevado e a contra cerca bandeirante dista poucos quilômetros abaixo.

A única parte que não está cercada pelos paulistas é um enorme precipício.

64 INT - CABANA BANDEIRANTE - DIA 64

A cabana é toda feita de madeira.

Domingos Jorge Velho está sentado em um banco próximo à uma janela na qual é possível ver a entrada do mocambo Zumbi.

Ele mastiga cerejas-do-rio-grande fazendo bastante barulho, a barba está suja de vermelho.

Ao seu lado está sentado SEBASTIÃO (40), branco, segurando um espelho. Com uma navalha termina de raspar a barba e deixa apenas o bigode.

SEBASTIÃO

Pelo visto essa é a entrada mais demorada que esse bando já fez, né não Domingos?

Domingos cospe sementes.

DOMINGOS

Calma, Tião, que todo nosso esforço vai ser recompensado no final.

Domingos estica suas pernas na cadeira e leva as mãos para atrás da nuca.

DOMINGOS (CONT'D)

A gente vai poder viver em paz nessas terra, com um montão da peças-da-guiné. Vida boa, né não? Que nem de senhor de engenho!

Domingos sorri.

SEBASTIÃO

Eu lá sei viver vida de senhor de engenho?! Minha vida é essa aqui, caçando negro e tapuia no mato!

DOMINGOS

A minha também, Tião, mas chega uma hora que o corpo não dá mais conta do que a cabeça quer. Aí nós só quer um canto pra morrer em paz, tá entendendo?

Eles ficam um tempo observando o portão dos palmarinos.

SEBASTIÃO

Eles tão muito longe?

DOMINGOS

Não, eles já tão vindo.

Domingos põe outra cereja na boca e fala enquanto mastiga.

DOMINGOS (CONT'D)

E quando eles chegar,
(mastiga)
nós vai tá mais perto de ficar rico
(mastiga)
e os calhambola mais perto do fim.

65

INT - MUXIMA - MOCAMBO ZUMBI - DIA

65

NA TELA: 1694, 14 meses de cerco

A grande oca não tem paredes, com quatro pilares suportando a cobertura de palha.

Os habitantes do mocambo estão reunidos em rodas sentados no chão.

MOTUMBO (22) leva um grande recipiente de barro nos braços.

TAUANE (20), a indígena esposa de Motumbo, traz um jarro com água.

Eles põem no meio da roda onde estão Dandara (40), Akula Janga (24), Yeji (72), os filhos cafuzos de Motumbo e Tauane, ACAIENE e TUCULO.

Todos aparentam estar fracos e cansados. Yeji está pálida e muito magra, cega dos dois olhos que estão azul-claros.

Motumbo deixa o recipiente no chão e apesar do tamanho do recipiente há pouca comida dentro, é purê de mandioca.

Motumbo pega um pouco do purê com as mãos e dá para Tuculo.

Tauane serve a água em uma cuia e dá nas mãos de Yeji.

Tauane pega um pouco do purê e dá para Acaiene.

ACAIENE

Yimene kuandi, sy?

Legendas: só isso, mamãe?

TAUANE

(com pesar)

Pa, membyra.

Legendas: sim, filho.

DANDARA

Eu não tá com fome, pô comê mia parte, Acaiene.

AKULA JANGA

Eu também não, deixo pro Tuculo.

Yeji tosse.

YEJI

(fraca)

Eu... também...

DANDARA

Nada disso, Mãe Yeji, suncê tem de comê sim. E bebe logo 'sa água.

YEJI

Não, mia fia... deixa pa nleke.

Dandara pega um pouco do purê com as mãos.

Ela dá o purê nas mãos de Yeji.

A idosa tosse enquanto pega o purê.

É uma oca pequena com alguns vasos de cerâmica em uma mesa de madeira e outros objetos.

Zumbi BATE em um dos vasos várias vezes.

Ele corta a mão.

Dandara observa-o a certa distância.

Ele para de bater e apoia-se na mesa recuperando fôlego.

ZUMBI

Agora eu sabe o que Ganga Zumba
sentiu.

Dandara pega um tecido na mesa e enfaixa a mão dele
delicadamente.

ZUMBI (CONT'D)

Agora eu sabe o que é querê fazê de
tudo pa saravá a kanda. Ele sabia o
que ia 'conticê, mas num podia fazê
outra cousa.

DANDARA

(irritada)

A culpa num foi nem de ófua Zumba e
nem é de Zumbi. Quem fez isso foro
eles que 'tão lá fora.

Ela termina de enfaixar.

DANDARA (CONT'D)

(triste)

Nós tem que saí, ame nzolo. 'Cabô
comida. Yeji picisa de erva pa curá
que tão lá fora. Num dá mais pa
ficá.

ZUMBI

Ialê tá certa. Vamo prepará todo
mundo pa saí essa noite.

Akula chega correndo. Os dois se viram para a entrada da oca.

AKULA JANGA

Mama! É Mãe Yeji.

67 A INT - OXILE EWE - NOITE

67 A

Dandara entra na oca.

Yeji está deitada em uma esteira no chão tossindo sem parar,
cobre a boca com as mãos.

Dandara se agacha e acaricia a testa dela.

YEJI
 (muito fraca)
 Mia fia Dandara...

Dandara sibila.

DANDARA
 Mãe Yeji tem que descansá.

Dandara vai até uma mesa com algumas plantas secas e ervas.

YEJI
 Mia fia ainda alemba do que eu dis'
 pa vomicê no iroko?

Dandara prepara uma mistura em um pequeno vaso.

Yeji tosse.

YEJI (CONT'D)
 Dandara tava co' medo do Iku. E eu
 dis'-

Ela mergulha um pano e leva até Yeji.

DANDARA
 "Nós num tem que tê medo de morrê".
 Mãe Yeji mandou guardá e eu
 guardou. Faz favor e descansa,
 ialorisá.

Passa o pano na testa de Yeji.

YEJI
 Que mais eu dis'?

Ela tosse.

DANDARA
 "Nós num tem que tê medo de morrê.
 Nós tem que tê medo de num tê
 vivido. E vivê, tem de sê lutá por
 bom motivo."

Os olhos de Dandara se enchem de lágrimas.

YEJI
 Dandara... vomicê vai virá
 história... Vai sê contada pos
 neto, e pos neto depoi deles...
 (tosse)
 Alembo de Dandara moleca recém-
 chegada em Ngola Janga. Alembo de
 vê Dandara virá muié.
 (MORE)

YEJI (CONT'D)

Que muié fote vomicê virou. Libetô
muitos malungo. Dandara pediu o
medo de Iku.

Mais tosse.

Dandara chora.

YEJI (CONT'D)

Mas ain' num tá ponta p'avuá, poque
vomicê leva peso gande... Quan'
saiu de senzala, soltô das
corrente, mas ganiô peso muito
maiô, num foi?

Dandara cobre o rosto com as mãos.

YEJI (CONT'D)

Dandara picisa soltá 'se peso se
qué avoá.

Os olhos azuis de Yeji começam a brilhar.

Yeji aproxima a mão do braço dela.

Yeji TOCA no braço.

68

EXT - FLORESTA - DIA

68

Próximo de onde sua mãe morreu DANDARA (8) está novamente a
alguns metros de AKULA MÃE (28), viva. Os pés de Akula são
raízes presas ao solo.

O capitão-do-mato e o cachorro não estão lá.

Há uma GAMELEIRA-BRANCA ali perto.

Dandara anda até sua mãe.

Akula agacha-se e abre os braços.

Dandara tem lágrimas nos olhos e sorri.

DANDARA

Mama!

Abraça Akula.

Akula acaricia os cabelos da filha.

AKULA

Meu umbi-umbi. Eu tava com suncê
tod'esse tempo.

(MORE)

AKULA (CONT'D)

Viu suncê quecê, seus fio e seus neto. Eu tem muito ogúiu de umbi-umbi. Eu num falou que ia avuá alto?

Dandara ri.

AKULA (CONT'D)

Oiá só, ame muana.

Akula aponta para um ninho de pássaro na gameleira.

Um UIRAPURU dá uma fruta no bico dos filhotes.

AKULA (CONT'D)

Óia como nuni passa comida pos muana, tá dano vida pa eles. Eu deu vida pa suncê e suncê deu vida pos seus muana. E eles dero vida pos neto. A vida sempe continua, meu umbi-umbi. Se Dandara num corre, ia quecê em cativero on' só tem mote. A vida tem de continuá. Dandara num pecisa mais ficá de banzo pô deixá mama aqui.

Dandara olha bem nos olhos da mãe.

Ela abraça-a apertadamente.

67 B INT - OXILE EWE - PÔR-DO-SOL

67 B

Dandara está abraçando Yeji na esteira.

Ela seca as lágrimas com as mãos.

Yeji sorri enquanto repousa a cabeça na esteira.

Ela fecha os olhos.

Dandara dá um beijo na testa dela.

O peito que subia e descia para de se mexer.

69 EXT - ACAMPAMENTO BANDEIRANTE - PÔR-DO-SOL

69

Indígenas e negros carregam peças de CANHÕES.

Domingos dá um soquinho no ombro de Sebastião. Com a outra mão ele segura um pedaço de carne assada.

DOMINGOS
 (animado)
 Não falei que chegava logo?! Agora
 começa a festa, Tião!

Domingos se vira olhando para seu bando.

Ele aponta para MENINO 1.

DOMINGOS (CONT'D)
 Tião, traz aquele neguinho aqui.

Sebastião vai até onde os palmarinos capturados estão. Cerca de 50, presos pelos pés, mãos e pescoços por correntes.

Sebastião solta a corrente do menino e leva-o até Domingos.

Domingos agacha-se.

DOMINGOS (CONT'D)
 Moleque, vou te soltar e te dar
 isso aqui.

Ele balança o pedaço de carne na mão.

DOMINGOS (CONT'D)
 Em troca, quero que tu fale pra
 Zumbi dos Palmares que vosmicês têm
 duas opção: ou sai todo mundo de lá
 antes de escurecer sem nenhuma arma
 na mão e segue com vida...

Domingos estica a carne.

O menino tenta pegar, mas Domingos desvia.

DOMINGOS (CONT'D)
 ...Ou vão levar bala até que não
 sobre um negro pra contar história.
 Visse?

O menino balança a cabeça em "sim".

Domingos dá o pedaço de carne.

O menino vai correndo ao mocambo.

A oca espaçosa está lotada de palmarinos.

Eles estão agitados e provocam burburinho.

Motumbo está com Tauane, Acaiene, Tuculo e OSENGA (22).

Dandara sobe em um palanque.

Ela bate palmas.

DANDARA
(grita)
Ngola Janga!

Aos poucos, o murmurinho diminui.

DANDARA (CONT'D)

Nium calhambola aqui vai virá
escravo outra vez. Existe uma única
saída, mas muito perigosa. O único
jeito de saí de mocambo Zumbi é
caminhando por penhasco. Ninguém
vai sê obrigado a lutá. Suncês vão
escoiê. Nós vai entendê os
guerreiro e Mino que quisere ir com
kanda pa fora de mocambo. Isso num
vai tirá a honra que suncês tivero
bataiando antes, vão continuá sendo
lembrado pela corage. Mas também é
preciso que uns fique e lute pa que
bandeirante não vai atrás dos que
fugire. Os que fore lutá tem que í
já com Zumbi pa entrada de mocambo.
Quem vai fugi, vem com eu.

71 EXT - PRECIPÍCIO - NOITE

71

Entre a parte de trás do cerco e o precipício há uma passagem estreita.

Dandara abre uma porta escondida no cerco.

Ela está com o arco atravessado do ombro ao peito e o estojo de flechas.

Da porta saem muitos palmarinos, um por vez.

Motumbo leva Tuculo em uma tipóia nas costas.

Tauane tem Acotirene no colo.

Osenga carrega uma saca de suprimentos na cabeça.

Dandara chama-o com a mão.

DANDARA
Ame muana, cadê sua mpangi Akula?

Legenda: portões!

Os sentinelas abrem os grandes portões de madeira.

EXPLOSÕES.

Os canhão atiram todos ao mesmo tempo.

O grande cerco se transforma em estilhaços com as explosões consecutivas.

Em poucos segundos apenas ficam em pé pequenas partes das muralha.

73 B EXT - ACAMPAMENTO - NOITE 73 B

Os paulistas indígenas acendem fogo nas flechas e atiram.

As que acertam as ocas, inflamam imediatamente.

74 EXT - MOCAMBO - NOITE 74

Dandara protege o rosto das farpas de madeira enquanto corre pelas ruelas.

Um RAI0 corta o céu e estronda.

Olha para cima, as nuvens estão se condensando e ficando cinzentas.

Dandara aponta a palma das mãos abertas para o céu.

DANDARA
Hekpa heyi Oya!

Legendas: Senhora Iansã!

72 C EXT - ENTRADA - NOITE 72 C

Começa a choviscar.

Zumbi e os outros correm para fora do mocambo com armas empunhadas.

Eles atiram flechas e balas.

73 C EXT - ACAMPAMENTO - NOITE 73 C

Os palmarinos alcançam os bandeirantes, que os recebem em luta corpo a corpo.

A chuva fica mais intensa.

O fogo das ocas é apagado.

Um dos bandeirantes tenta acender o pavio de um canhão, mas a chuva apaga.

Outro tenta atirar, mas a arma não funciona.

Um bandeirante com um facão chuta o tórax de AKULA, ela cai no chão.

Ele se prepara para enfiar o facão nela, mas uma FLECHA atinge o barriga dele.

DANDARA quem atirou.

Akula se alevanta e continua golpeando os bandeirantes.

Dandara frecha outros paulistas.

DANDARA

Suncê devia tê ido com seus mpangi!

AKULA JANGA

Eu não podia deixar pai Zumbi!

Zumbi ataca os bandeirantes que manejam os canhões.

Dandara dá chutes nos homens que avançam na direção dela, derrubando-os.

Vai até Zumbi.

DANDARA

Zumbi, tuendi ku nata awu a e ngodya!

Legendas: Zumbi, vamos levar eles para o precipício!

ZUMBI

(grita)

Unnuni! Ngodya!

Legendas: guerreiros! Precipício!

Domingos aponta para Zumbi.

DOMINGOS

Ali! Peguem! Aquele é Zumbi!

Os palmarinos correm em direção ao precipício.

Dandara anda de costas atirando flecha em um bandeirante, outro, acerta mais um.

Os bandeirantes atiram enquanto seguem-nos correndo.

75

EXT - FLORESTA - ALVORADA

75

O céu azul escuro vai clareando.

Na mata fechada, Dandara corre ao lado de Zumbi e Akula, pulam desviando de raízes, agacham-se esquivando de galhos e cipós.

Há apenas um bandeirante próximo deles.

Ele consegue acertar um tiro na panturrilha de Zumbi.

Ele cai no instante e grita.

Dandara acerta uma flecha nele, matando-o.

Dandara e Akula param de correr e ajudam Zumbi a se levantar.

A perna dele está sangrando.

Dandara agacha-se, rasga um pedaço da própria saia e enfaixa a perna dele.

Akula segura a lança dele e as duas apoiam-no para andar.

DANDARA

(grita)

Ame nzolo, suncê e Akula tem de ir!

AKULA JANGA

Não! Nós não vai deixá mama!

Zumbi geme de dor.

ZUMBI

Não... nós não pode...

Ela tira o COLAR de búzios do pescoço e põe no de Akula.

DANDARA

Muana, suncê é a continuação da mia vida. Suncê é o futuro de Ngola Janga. Lembra? Ngola Janga é pra sempre. Mas pra isso suncê e pai Zumbi tem de ir.

Ela se vira para Zumbi.

DANDARA (CONT'D)

Ame nzolo, lembra da promessa que
nós fez de dá a vida pelo outro?
Suncê é a esperança de Ngola Janga.
Enquanto tivé Zumbi, os calhambola
tem esperança.

Dandara encosta sua testa na dele. Encostam os lábios.

Akula tem lágrimas nos olhos.

AKULA JANGA

Mukuiu no Nzambi.

DANDARA

Mukuiu no Nzambi.

Zumbi anda mancando apoiado em Akula e na lança.

Dandara observa-os até desaparecerem na mata fechada.

Domingos, Sebastião e mais cinco bandeirantes se aproximam.

Dandara corre.

Os homens atiram com espingardas.

Dandara vira-se de costas para atirar em um bandeirante.

Vira-se outra vez e acerta mais um, dois, três, quatro.

Ela possui apenas UMA flecha no estojo.

Ficaram vivos Domingos, Sebastião e outro bandeirante.

76

EXT - PRECIPÍCIO - ALVORADA

76

A floresta acaba em um enorme despenhadeiro.

No horizonte começam as primeiras luzes do raiar do dia.

Dandara sai das matas e corre até a beirada.

Domingos, Sebastião e outro bandeirante correm logo atrás
dela parando assim que ela chega próxima ao abismo.

Ela prepara a frecha no arco.

Sebastião e o homem apontam espingardas, Domingos usa duas
pistolas.

DOMINGOS

Não vai querer fazer isso, né? Vem com nós que nós não vai te machucar.

Dandara aponta para Domingos.

SEBASTIÃO

Neguinha, vosmicê só pode atirar uma flecha, não pode acertar os três e sair viva.

Dandara aponta para Sebastião.

DANDARA

A diferença entre nós e suncês é que nós luta por liberdade e suncês luta por dinheiro. Um dia essa sede de dinheiro vai destruí os home branco. Suncês são escravo do dinheiro. Eu morro livre, mas não volto a sê escrava.

Dandara atira a flecha no peito de Domingos.

Ele larga as pistolas e segura a flecha no peito.

Olha para a flecha e cai no chão.

Dandara joga o estojo e o arco do precipício.

Sebastião e o outro bandeirante atiram.

Dandara pula do penhasco de braços abertos.

Os dois homens correm para olhar.

Pouco abaixo deles, uma CEGONHA-DE-ABDIM bate as asas.

77

SEQUÊNCIA DO VOO

77

Música: "Juízo Final".

DANDARA

O SOL HÁ DE BRILHAR MAIS UMA VEZ.

A cegonha voa alto.

Ela atravessa nuvens.

DANDARA (CONT'D)

A LUZ HÁ DE CHEGAR AOS CORAÇÕES.

Sai do litoral e sobrevoa o mar.

Abaixo dela há um tumbeiro.

DANDARA (CONT'D)
DO MAL SERÁ QUEIMADA A SEMENTE.

Termina o dia e começa a noite.

DANDARA (CONT'D)
O AMOR SERÁ ETERNO NOVAMENTE.

Ela chega na ÁFRICA.

DANDARA (CONT'D)
O AMOR...

Sobrevoa uma floresta de baobás.

DANDARA (CONT'D)
SERÁ ETERNO NOVAMENTE!

O sol nasce no horizonte.

O laranja ilumina a cegonha na contraluz sobrevoando os baobás.

Ela encontra com a revoada de cegonhas.

NA TELA: Zumbi dos Palmares sobreviveu por um ano após a destruição do mocambo principal. Os quilombolas sobreviventes continuaram levantando mocambos na Serra da Barriga até 1711 sob novas lideranças. O que Zumbi, Dandara e Palmares representaram ainda vive em todos aqueles que sonham com um mundo sem discriminação e igualitário.

FIM.